

TRAJETÓRIA DO HISTORIADOR FRANCISCO IGLÉSIAS

João Antônio de Paula¹

1 INTRODUÇÃO

Mais um livro de Francisco Iglésias. *Trajetória Política do Brasil* é mais um testemunho do vigor intelectual deste homem que, desde os anos 40, tem dedicado o melhor de si à nossa vida cultural. Professor, escritor, pesquisador, dirigente de instituições acadêmicas e científicas, membro de colegiados dirigentes de nossas políticas culturais, Francisco Iglésias é um exemplo de dignidade e inteligência a serviço das melhores causas, as causas dos injustiçados e da democracia.

Homem com ampla gama de interesses no campo das idéias, Iglésias dedicou-se, prioritariamente, ao estudo da história numa perspectiva abrangente. Cultivou a história conforme Bloch a queria - "uma história mais larga e humana". Isto é, tudo que é humano lhe interessa como pesquisador e cidadão, e, como nós, sofre as agruras deste tempo que quer interditar a solidariedade ao mesmo tempo que deifica o dinheiro.

Sua obra de historiador tem alguns temas centrais. Estudou a história econômica e a história política do Brasil e de Minas Gerais. Dedicou-se também, centralmente, à história das idéias e à historiografia brasileira.

Suas amplas leituras, suas afinidades eletivas, levaram-no à uma rede de admirações e matrizes de elevado padrão. No Brasil foi marcado pela excelência do estilo e o cuidado na pesquisa de Joaquim Nabuco, Capistrano de Abreu e Sérgio Buarque de Holanda. No plano da historiografia estrangeira seus débitos maiores são para com Lucien Febvre e Marc Bloch, os fundadores da Escola dos *Annales*. Sua prosa historiográfica tem ecos destas belíssimas presenças: a elegância de Nabuco, a ironia de Capistrano, a erudição de Sérgio, o alargamento da perspectiva historiográfica que Febvre-Bloch trazem pela interação da história com as outras ciências humanas e sociais.

Historiador e humanista, como se dizia, Iglésias tem a paixão pela literatura. Seu gênero predileto de escritura é o ensaio,

1 Professor e pesquisador do CEDEPLAR/FACE/UFMG.

esta forma híbrida a um tempo entre a ciência e a arte. Daí sua admiração exaltada pelos grandes mestres ensaístas - Montaigne, Ortega Y Gasset, Azorin, Antônio Sérgio, Carpeaux, Antônio Cândido ...

Neste trabalho não farei biografia. Não listarei datas e títulos. Em parte não farei isto porque conhecendo-o sei o quanto lhe incomoda o devassamento que uma biografia exige. Iglésias cultiva o recato e a modéstia. De outro lado penso que ele certamente se sentirá mais confortável se em vez de uma biografia se oferecesse um outro caminho. Tentarei aqui traçar um esboço de trajetória intelectual, buscarei captar as grandes influências que marcaram a sua formação cultural. Os livros, os autores, as idéias, os métodos, as paixões, as idiossincrasias que forjaram a sua fisionomia intelectual e moral.

A biografia entrará aqui apenas para a indispensável caracterização do nosso personagem. Iglésias nasceu em Pirapora, em 1923. Veio para Belo Horizonte logo aos dois anos de idade. Considera Belo Horizonte sua cidade.

Ter nascido em Pirapora, às margens do São Francisco, foi, para José Murilo de Carvalho um fato implausível. Eu vejo isto de outra forma. Aprendi com Tólstoi, que a verdadeira universalidade só se a tem quando somos capazes de amar e entender a nossa aldeia. Nascido às margens do único grande rio inteiramente brasileiro, Iglésias é universal na medida mesma em que se compadece de seu povo, que é historiador sobretudo das coisas do Brasil, de Minas Gerais. Nascer às margens do São Francisco, em pleno Sertão, é tão emblemático quanto o é o sertão roseano. Cordisburgo e Pirapora são fronteiras do amplo mundo que tanto marcou estes dois mineiros-universais.

Formado em Geografia e História, pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, em 1945, Iglésias é admitido como professor nesta mesma Universidade, em 1949, indo lecionar na Faculdade de Ciências Econômicas, Escola que ele adotou como sua e na qual trabalhou por mais de trinta anos, tendo se aposentado em julho de 1982. Lecionando História Econômica Geral e do Brasil, Iglésias na verdade esteve atento a todas as grandes questões do nosso tempo. Em política sempre se colocou ao lado da democracia e da causa popular. Nas Ciências Sociais cultiva a interdisciplinaridade, foi pioneiro em métodos e reflexões, sintonizado com o que de melhor se faz no mundo nestes campos. A literatura, as artes são, talvez, suas paixões absolutas. Leitor, ouvinte, espectador, admirador, crítico seletivo e compreensivo é tanto conhecedor e apaixonado dos clássicos quanto capaz de deslumbrar-se ante o maravilhoso da melhor vanguarda.

Francisco Iglésias é um homem cordial naquele exato sentido que lhe deu Sérgio Buarque de Holanda. Capaz tanto da alegria e da generosidade quanto da acidez da indignação, contra a ignorância, a má-fé, a venalidade, a brutalidade, o autoritarismo, a arrogância, a incompetência que teimam em repetir-se apesar dos seus novos modos elegantes, suas novas plumagens.

2 A LIÇÃO DE SETTEMBRINI

A Montanha Mágica, de Thomas Mann, publicado em 1924, é um dos mais importantes e belos romances do nosso século. Nele discute-se alguns dos dilemas fundamentais do nosso tempo num momento de profundas transformações como foi a Primeira Guerra Mundial e suas variadas implicações. Romance sùmula, ele inventaria o complexo processo de dissolução de um mundo e a emergência de novos mundos. Ruptura e fragmentação. O equilíbrio e a hegemonia produzidos após a derrota napoleônica questionados. A emergência de novas potências, a decadência da *PAX BRITANNICA*, a corrida neo-colonial, a disputa imperialista, o socialismo e o fascismo.

Em *A Montanha Mágica* há personagem que simboliza um dos pólos fundamentais do processo em questão. É Settembrini. Ele é a presença da razão, do humanismo, das luzes ante o irracionalismo, o misticismo, a violência representados pelo complexo e contraditório personagem Naphta. Settembrini vive profundamente os dilemas do nosso tempo sem abrir mão da razão, da justiça, da democracia, da tolerância, da verdade, da esperança. É esta lição fundamental de Settembrini que Iglésias aprendeu como ninguém. Manteve-se íntegro e lúcido ante as ditaduras que nos marcaram desde 1930. Não se deixou cooptar, resistiu à brutalidade e ao descalabro. Denunciou não só as ditaduras. Indignou-se e protestou sempre contra todas as formas de opressão e desrespeito dos interesses populares. De outro lado foi entusiasta das nossas grandes lutas - pelas eleições diretas, pela anistia, pela democracia, pela justiça social, pela defesa de nosso patrimônio artístico e cultural, pela Universidade.

Num tempo em que muitos aderem, outros se acomodam, Iglésias é capaz de manter-se inteiro, indignado e lúcido. José Murilo de Carvalho sugere que esta inesgotável rebeldia de Iglésias se deva às suas raízes espanholas, à vocação anarquista que os espanhóis cultivam. Seu inconformismo e crítica aos poderosos de todas as cores, são manifestações da lição apreendida de Settembrini, a opção intransigente pela razão, a recusa absoluta a todo irracionalismo, a defesa

permanente da democracia e da liberdade, a esperança na efetiva emancipação política, social e material da humanidade.

3 ANOS DE APRENDIZAGEM E AFINIDADES EFETIVAS

Não serei capaz de falar de tudo quanto influenciou Iglésias, de tudo quanto leu e amou, de quanto absorveu e incorporou ao seu próprio fazer, à sua visão de mundo. Ainda assim creio poder fornecer algumas pistas dos seus **anos de aprendizagem** e de suas **afinidades eletivas...**

Iglésias leu muito e bem. Leu com critério e voracidade. Nesta vida intelectual riquíssima ocupa lugar central a literatura, a ficção e a poesia. Iglésias é um homem formado numa tradição hoje em extinção. Leu os clássicos franceses do Século XVII - Racine - Corneille - Pascal - Bossuet; leu os clássicos portugueses ao Século XVII - O padre Vieira, o padre Manuel Bernardes. Leu as grandes epopéias e amou sobretudo *Os Lusíadas*. Sua paixão pela *Divina Comédia* reflete a sensibilidade superior por esta obra inigualável. Leu os grandes espanhóis e, como todos, foi definitivamente seduzido pela obra cervantina. Leu os enciclopedistas franceses - a literatura, o teatro, a filosofia e a ciência dos iluministas.

Do Século XIX cultivou os grandes franceses: Baudelaire, Verlaine, Rimbaud, Mallarmé, Balzac, Stendhal, Flaubert; os russos, Dostóievsky e Tolstói, deste último diz ser *Guerra e Paz* o maior romance já escrito. Os portugueses: Eça, Camilo e Antero de Quental - ocupam lugar especial em sua admiração. Do Brasil oitocentista tudo leu, e tornou-se, para sempre, um machadiano maior.

Do século atual leu e compreendeu o melhor das ciências sociais, da literatura, da poesia. Cultivou com paixão o teatro e o cinema. O romance e o ensaísmo de Malraux tiveram em Iglésias um crítico e admirador de primeira hora. A poesia de Valéry, e, sobretudo, a de Fernando Pessoa tomaram-no, inundaram-lhe a alma. No Brasil faz parte da tribo numerosa dos admiradores de Drummond, de Jorge de Lima, de Murilo Mendes, de Mário de Andrade, de Cecília Meireles. Teve o privilégio da amizade de Emílio Moura e muito estima a sua poesia. Mas o seu poeta de eleição é Manuel Bandeira cujos versos sabe de cor. Sua admiração por Guimarães Rosa é exaltada. Foi pioneiro em reconhecer a genialidade de Pedro Nava. Leu os filósofos que marcaram a sua geração - Ortega y Gasset; Max Scheller, Unamuno, os ensaístas espanhóis - Azorin, Sánchez-Albornoz, Américo Castro.

Os grandes eruditos - Menendez y Pelayo, Menendez Pidal, Croce, Carpeaux...

As "afinidades eletivas" não se restringem só a pessoas e idéias. Elegem-se também lugares para se amar. Iglésias ficou em Minas quando todos os seus amigos e companheiros de geração migraram. Ficou como um outro intelectual fundamental de Minas - o grande Eduardo Frieiro. Ficou aqui e aqui construiu uma obra e um exemplo de dignidade e coerência, ficou para o nosso privilégio, para não empobrecer ainda mais esta terra tão rica e tão pobre. Iglésias ama o México onde trabalhou e viveu por algum tempo. Ama a França, a Espanha, Portugal, definitivamente latino, humanista, herdeiro da melhor tradição da razão e das luzes.

4 COMBATES PELA HISTÓRIA

Iglésias é sobretudo historiador, crítico da história como disse José Murilo de Carvalho. Historiador, dono de estilo singularíssimo marcado por duas grandes influências - Montaigne e Antonio Sérgio. O criador do gênero **Ensaio** e seu maior cultor em nossa língua. A historiografia de Iglésias tem este sentido, esta marca. Seu único e clássico estudo monográfico é *Política Econômica do Governo Provincial Mineiro - 1835-1889*, originalmente tese de livre-docência, apresentada em 1955, e publicada pelo INL, em 1958. No mais cultivou o ensaio, isto é, cultivou a liberdade, a crítica, a iluminação que o ensaio possibilita. O ensaio em Montaigne foi uma forma de ruptura com o obscurantismo, com o dogmatismo da tratadística medieval. O ensaio é a experimentação, é a abertura e a interrogação permanentes, é o não fechar, é o não estiolar, é a admissão do novo. Iglésias cultivou o ensaio como método, como sinal de um pensamento livre de preconceitos, aberto à crítica, liberto.

Muitas foram as matrizes de que se apropriou Iglésias para a construção de sua visão historiográfica. Registre-se, a princípio, que a formação de Iglésias é em geografia e história, o que o aproximou definitivamente da Escola dos **Annales**. Tanto Marc Bloch, quanto, sobretudo, Lucien Febvre insistiram na importância da geografia para os estudos historiográficos. A obra de Vidal de la Blache foi uma das inspirações básicas daqueles historiadores superiormente realizada por Fernand Braudel em seu *Mediterrâneo*, onde o mar nos surge como personagem cheio de vida e história, num deslumbramento poucas vezes visto em historiografia.

Outra importante matriz da historiografia de Iglésias é a obra de Eli Heckscher - *A Época Mercantilista*, fundamental para a construção da tese de Iglésias sobre a política econômica provincial em Minas. Também decisiva foi a presença de Marx, sobretudo em *A Ideologia Alemã*, escrita em conjunto com Engels. Iglésias se apropriou do fundamental da tese marxiana sobre a importância das determinações materiais na vida social.

Iglésias leu toda a historiografia relevante brasileira e estrangeira. Participou de inúmeras bancas de concursos, examinou teses, escreveu livros, deu aulas no país e no exterior, participou de comissões e projetos coletivos, dirigiu o **Centro de Estudos Mineiros** quando o grande e esquecido poeta José Severiano de Rezende publicou o "feijão angu e couve" de Eduardo Frieiro e de Fernando Correa Dias o *João Alphonsus*. Publicou os *Resíduos Seiscentistas em Minas* de Affonso Ávila.

No Brasil admira e considera inexcedível a obra de Sérgio Buarque de Holanda. Entende ser *Um Estadista do Império* de Joaquim Nabuco a melhor obra de nossa historiografia.

Cultivou tanto a história econômica quanto a história política e a história das idéias. Seus trabalhos sobre Jackson de Figueiredo, João Pandiá Calógeras, Celso Furtado, Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Cândido, Joaquim Nabuco, Carlos Drummond de Andrade, Oliveira Viana são capítulos de uma história das idéias no Brasil.

Professor de história, crítico de história e da cultura, Iglésias também tem participação importante na política de defesa de nosso patrimônio artístico e cultural.

Pela amplitude dos temas abordados, pela acuidade com que se combina nele tanto o "historiador de arquivo" quanto o "historiador de biblioteca" Iglésias representa um padrão de qualidade intelectual raramente alcançado entre nós em qualquer área de conhecimento, um "combatente pela história" como o foi um dos seus mestres mais admirados, Lucien Febvre.

A obra historiográfica de Iglésias é ampla e diversificada. Há, com certeza, destaque para a história econômica do Brasil e de Minas Gerais. Mas há também a história política, a análise da historiografia brasileira, além de temas e autores estrangeiros - Mirabeau, Malraux, Fernando Pessoa, o neocolonialismo do século XIX, o conceito de história universal, a revolução industrial inglesa.

Uma constelação de temas e autores tão variada poderia sugerir ausência de centralidade. Contudo, os temas e autores eleitos

por Iglésias estão ligados por uma espécie de laço invisível. São todos autores e situações no limite da ambigüidade, personagens e situações marcadas pela complexidade: seja Mirabeau, o grande político da Revolução Francesa, o libertino, contemporâneo e assemelhado de Restif de la Bretonne e de Sade; seja Malraux, o romancista, o crítico de arte, o revolucionário que se rende ao gaullismo; seja Fernando Pessoa, o poeta de dicção universal, o inovador da literatura portuguesa deste século, o astrólogo, o sebastianista, o guarda-livros; seja Joaquim Nabuco, o monarquista, o representante das oligarquias nordestinas, o campeão da campanha abolicionista e da defesa da reforma agrária.

A obra historiográfica de Iglésias tem três grandes eixos: 1) a história econômica geral, do Brasil e de Minas Gerais; 2) a crítica historiográfica - incluídos aqui seus estudos monográficos sobre pensadores significativos de nossa vida intelectual; 3) a história política. No primeiro campo destaque-se seus trabalhos sobre a História Econômica de Minas Gerais: de 1952 - "Elementos para uma História Econômica da Capitania de Minas Gerais" publicado na **Revista da Faculdade de Ciências Econômicas**, da Universidade de Minas Gerais; de 1955 - a tese de livre-docência, depois publicada pelo INL, em 1958 - *Política Econômica do Governo Provincial Mineiro - 1839-1889*, de 1963 - *Periodização do Processo Industrial no Brasil*, publicada pela FACE/UFMG; de 1967 - o artigo "Artesanato, Manufatura e Indústria (Nota conceitual e Tentativa de Aplicação no Brasil)", separata do VII Simpósio da ANPUH; de 1981 é o volume da *Coleção Tudo é História*, da Brasiliense, *A Revolução Industrial*; em 1985, na mesma coleção, publicou a *Industrialização Brasileira*.

A crítica historiográfica é o campo em que Iglésias, talvez, mais se aplicou. De 1954 é o artigo para a **Revista da Faculdade de Ciências Econômicas da UMG**, "Aspectos do desenvolvimento da história econômica", este tema volta a ser enfrentado em abordagem mais ampla no livro de 1959, também publicado pela FACE/UMG, *Introdução à Historiografia Econômica*. O ponto alto de sua produção de crítica historiográfica é o volume de 1971, *História e Ideologia*, publicado pela **Editores Perspectiva** de São Paulo. Trata-se de obra luminosa pelo exercício de um gênero, o ensaio, que Iglésias realiza superiormente.

No relativo à história política do Brasil Iglésias tem importante contribuição. De 1955 é o artigo "Política Unitária do Segundo Reinado", **Revista da Faculdade de Ciências Econômicas, da UMG**; este tema volta a ocupá-lo no volume 3º, do Tomo II, da *História Geral da Civilização Brasileira*, "A Vida Política, 1848-1868"; de 1974, é seu

artigo "A Imposição do Estado no Brasil", para a **Revista de História**; de 1985 é o volume *Constituintes e Constituições Brasileiras*, da Brasiliense. Publicou ainda uma História para o vestibular, em 1973, obra com várias edições. Publicou 22 prefácios e introduções a obras diversas, colaborou em 22 obras coletivas publicadas no Brasil e no exterior, seus artigos em revistas montam 65 e seus artigos em jornal a mais de 400 trabalhos. (Estes últimos números da produção de Iglésias foram tomados do artigo "Francisco Iglésias, crítico de História", de José Murilo de Carvalho, publicado na **Revista do Departamento de História**, o sécuo XVIII, FAFICH, nº 9, 1989).

No campo dos processos históricos as "afinidades eletivas" de Iglésias são a desmistificação, a ruptura, a valorização da perspectiva popular e democrática, lição que Iglésias aprendeu com o grande Michelet. É deste lugar, do lugar da crítica, que Iglésias reconstitui a trajetória política brasileira. Seu livro, escrito para estrangeiros, para uma editora espanhola, acabou por revelar o essencial da nossa vida política até 1964. Os tempos que se seguiram a 1964 vieram reforçar alguns dos traços históricos do Estado brasileiro: sua recorrente vocação autoritária, seus explícitos compromissos com a defesa dos privilégios das classes dominantes.

5 TRAJETÓRIA POLÍTICA DO BRASIL

Há historiadores, que combinam com maestria o absoluto controle sobre suas fontes e matéria e um apuro formal, que aproximam seus textos do artístico, daquela página de Roland Barthes, sobre o prazer do texto. É o caso de Lucien Febvre e seu *Martinho Lutero, Um Destino* (1927), é o caso de Johan Huizinga e seu *Outono da Idade Média* (1924), é o caso, entre nós, de Sérgio Buarque de Holanda e sua *Visão do Paraíso* (1959), combinações de erudição, inteligência e beleza. Francisco Iglésias conta-se entre estes autores, que fazem da exposição histórica um exercício de estilo.

Trajétoria Política do Brasil (1500-1964), seu último livro, reafirma as qualidades de um de nossos maiores historiadores. Ali, a matéria extensa e complexa, a história política do Brasil, em quatrocentos e sessenta e quatro anos, é tratada com segurança e equilíbrio. A enormidade do objeto, sua complexidade, exigiram os cuidados de um projeto arquitetônico. Qualquer descuido e a estrutura ter-se-ia comprometido pela hipertrofia/sonegação de situações/momentos/processos.

A tessitura de *Trajatória Política do Brasil* faz lembrar outros dois mestres da concisão e do apuro formal: Capistrano de Abreu, em *Capítulos de História Colonial (1500-1800)*, de 1907, e Antônio Sérgio, o grande ensaísta/historiador português, e na *Breve Interpretação da História de Portugal*, de 1929, dois livros que abordam temáticas de vulto com uma economia de meios, com uma elegância expositiva, que só os grandes prosadores praticam. O livro de Capistrano trata da história colonial brasileira, trezentos anos, em duzentas e quarenta páginas, densas, em que cada frase é indispensável e reveladora. O projeto de Antônio Sérgio é ainda mais impressionante por sua fantástica capacidade de síntese: Portugal, da dominação romana à República, em 1910, é apresentado, analisado, em seus processos fundamentais, em cento e quarenta e seis páginas.

Este elogio da concisão não significa subestimação das obras vultosas, das pesquisas minuciosas, das demasias dos textos que querem, com volúpia, a captação de cada gesto, de cada crispação do objeto. Há obras fluviais, imensas, construídas com tanto refinamento e gosto quanto as resumidas. É o caso daquele monumental *O Mediterrâneo e o Mar Mediterrâneo na Época de Filipe II*, (1947), de Fernand Braudel, é o caso da *História da Loucura na Idade Clássica*, (1961), de Michel Foucault, livros em que a enormidade da matéria vai em par com a enormidade da qualidade do texto. Braudel e Foucault constróem discursos que transcendem o gênero literário, são prosas de enorme beleza e maestria, são obras de arte, como também o é aquele capítulo único das memórias de Sartre, *As Palavras*. Diante destes livros há, como que, uma síncope da classificação corrente dos gêneros literários.

Iglésias pertence à categoria dos autores que buscam a síntese, que buscam captar as grandes linhas de força dos processos. Este procedimento tem um duplo propósito: garantir eficácia discursiva e fixar o essencial dos processos. No caso de *Trajatória Política do Brasil, 1500-1964*, em trezentas e dezesseis páginas, assistimos à exposição dos momentos essenciais da vida política brasileira do período colonial a 1964. A obra é um exercício de capacidade de síntese, de elegância e segurança expositivas que só são possíveis quando há apreensão profunda da temática, quando o objeto como que incorporou-se à massa do sangue do seu intérprete. Só a longa maturação, o estudo permanente, a reflexão e a crítica são capazes de produzir o "biscoito fino" da síntese.

O texto de Iglésias tem explícita preocupação com o estilo, busca a síntese, busca o essencial, busca a fluência. Estes objetivos perseguidos e realizados são, em parte, decorrentes do próprio projeto

editorial. O livro em questão foi originalmente escrito para editora espanhola. Neste sentido era fundamental procurar apresentar a trajetória política do Brasil, tanto quanto possível, evitando os particularismos. O livro não poderia se transformar num catálogo de teses, autores e obras inacessíveis aos leitores espanhóis.

Esta característica está bem expressa na parcimônia com que Iglésias utilizou citações. São vinte e sete ao todo num livro de trezentas e dezesseis páginas.

Contudo, esta economia de notas não significou sonegação de referências que elas existem. São 463 notas remissivas de autores e conceitos fundamentais para a contextualização da história brasileira. Também utilíssima é a cronologia que funciona no livro como uma espécie de algoritmo dos pontos de tensão e clivagens.

Iglésias é equilibrado em seus juízos, contudo, isto não significa equidistância, pretensa neutralidade. Iglésias tem suas preferências, paixões, idiossincrasias. É implacável com o ridículo, com o enfatuado, com o convencional, com a burrice, com a canalhice, com a prepotência, com a opressão. Sua opção é pelas gentes do povo, pelos movimentos populares, pelas liberdades, pela rebeldia. Neste sentido o livro de Iglésias tem um sentido que transcende o acadêmico, é um livro que se dirige à cidadania. É um livro sobre as vicissitudes de uma vida política marcada pela interdição dos direitos das grandes maiorias. O livro aponta a reiteração dos processos de exclusão social de que é feita a realidade brasileira: a **Independência**, em 1822, que não transformou a realidade social, que continuou dominada pelos privilégios, pela escravidão; a **Abolição**, em 1888, que efetivamente foi uma ruptura mas que fica pelas metades ao não garantir a **Reforma Agrária**, única e efetiva garantia de cidadania para o ex-escravo; a **República**, em 1889, que afinal só tem significado a absoluta supremacia do interesse privado sobre o interesse público.

Os grandes momentos do livro são os que registram os pontos de tensão, as grandes clivagens, a emergência do conflito. É como se o texto adquirisse um registro superior, uma elevação de tom: os vários conflitos e revoltas coloniais - **Palmares** (1695); **Mascates e Emboabas** (1709); as **Conjurações Mineiras, Fluminense e Bahiana** (1789, 1794 e 1798), a **Revolução de 1817**, em Pernambuco. No período imperial os grandes momentos são a explosão iniciada com a **Abdição**, em 1831, e que se prolongam até a **Revolução Praieira**, de 1848, a **Guerra do Paraguai** (1864-1870) e a luta abolicionista. Com a República destaca-se a epopéia de **Canudos** (1897-1899), a **Revolta da Vacina** (1904), a **Revolta da Chibata** (1910), a **Guerra do Contestado**

(1912-15), as revoltas militares da década de 20, em particular a trajetória da **Coluna Prestes** (1924-1927).

Iglésias mostra o quanto de falso se esconde na repetida tese de que a história do Brasil é uma história incruenta. A trajetória política do Brasil é, assim, uma trajetória de revoltas e contestações, quase sempre falhadas porque tem prevalecido, até aqui, a força de uma ordem, que em suas variadas formas foi, quase sempre, autoritária permanentemente sancionadora de privilégios e instrumento de interdição de direitos sociais.

A periodização adotada por Iglésias para a trajetória política do Brasil, é aparentemente, a convencional: Colônia, Império e República. Contudo, as subdivisões destes grandes períodos, os pontos de ruptura, as ênfases, trazem compreensão inovadora. Trata-se, fundamentalmente, de reconstituir a trajetória política brasileira como uma espécie de tensão permanente entre as estratégias de dominação e legitimação das classes populares. O livro *Trajetória Política do Brasil (1500-1964)* é um digno representante daquelas obras que combinam, exemplarmente, o rigor da pesquisa e o sopro enérgico da indignação e da exigência ética.